

BRASIL-PORTUGAL

FUNDADOR — **Augusto de Castilho.**
DIRECTORES — **Jayme Victor, Lorjô Tavares e João de Vasconcellos.**
COLLABORADORES EFECTIVOS — Padre Alvares de Almeida,
Dr. Antonio do Valle e Sousa,
Conde da Esperança,
E. Severim de Azevedo (Crispim),
Ferreira Mendes,
D. Jorge de Menezes,
J. Nunes de Freitas,
Luiz Trigueiros,
D. Maria O'Neill.

CHEFE DO ESCRITÓRIO — **J. Nunes de Freitas.**
PROPRIETARIA — A empresa do **Brasil-Portugal.**
EDITOR — Carlos Abreu.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 11.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

1 DE DEZEMBRO DE 1913

N.º 357

A restauração de Portugal em 1640



D. João IV, o Restaurador — (Cópia de uma gravura da época)

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 1 de dezembro de 1913

AINDA na passada quinzena e n'este mesmo logar, eu apontei alguns defeitos do moderno systema eleitoral, base dos actuaes parlamentos, e já hoje tenho que voltar a insistir no mesmo assumpto apontando um facto succedido nas ultimas eleições para deputados.

Refiro-me á candidatura do sr. tenente-coronel Roçadas, o heroico commandante da expedição ao Cuamato, candidatura que não conseguiu vencer, não obstante o brioso militar possuir uma larga folha de serviços prestados ao paiz.

Não faz sentido, á primeira vista, que o resultado de uma eleição seja a expressão da vontade popular e que o povo assim tivesse em tão pouco apreço o heroismo e a competencia do sr. Alves Roçadas, que o povo o não julgasse digno, n'este momento em que tanto se falla na resolução do problema da defeza nacional, de ter um logar no parlamento, onde, sem duvida, a sua voz auctorizada muito concorreria para esclarecer um assumpto que não pode revestir caracter politico por isso que é do interesse da Patria onde todos nascemos.

Como é que um tal facto se pode produzir n'umas eleições em que só votou quem sabia ler e escrever, isto é, aquelles que não podem allegar ignorancia das façanhas praticadas em Africa pelo distincto militar e pelos seus companheiros de armas?!

A coisa é, afinal, muito simples. E' que o povo anda desnorteado desde que, ha mais de oitenta annos, o começaram a metter em luxos politicos. O povo não quer saber dos seus interesses e até muitas vezes, involuntariamente, descarta os do paiz para só cuidar do que diz respeito á politica dos partidos. O povo não escolhe candidatos, vcta em listas que lhe apresentam conforme a sympathia que alimenta, não pelas candidaturas propostas mas sim pelo partido que as propõe.

Foi isto, na minha opinião, o que succedeu. O povo, que é bom, que é patriota, não teve em mira desconsiderar o heroico commandante da expedição ao Cuamato. Isso de fórma nenhuma.

A desconsideração foi feita ao partido unionista, que era quem apoiava a candidatura do sr. Alves Roçadas. Este e só este foi de certo o unico defeito que o povo republicano viu no illustre candidato, pois que esse povo é — como acaba de verificar-se — democratico.

Eis a explicação que eu encontro para o facto que apontei, explicação só por si bastante para condemnar a moderna engrenagem politica do nosso paiz, muito menos liberal e muito mais incompleta do que era nos tempos aureos do nosso passado quando o povo, isempto de paixões partidarias, elegia por classes os procuradores que em córtes lhe haviam de defender os interesses.

Pelo aspecto politico que revestiram, as ultimas eleições constituem um verdadeiro triumpho para o sr. dr. Affonso Costa, pois mostraram bem evidentemente que a maioria, a quasi totalidade do povo republicano, continua a dispensar-lhe toda a sua confiança e a dar-lhe o seu apoio com o maior entusiasmo.

A derrota da opposição ultrapassou muito os calculos feitos, foi esmagadora, e como prova real de que o seu resultado estava certo, basta citar a manifestação realisada em homenagem ao chefe do governo no dia seguinte ao do acto eleitoral.

Essa manifestação foi uma das maiores que se teem feito em Lisboa desde que a Republica se implantou, pois figuravam n'ella muitos milhares de pessoas, embora se diga e com razão que a gente que victoriou o chefe democratico não representava de fórma alguma a maioria da população da capital.

Sim, não era a maioria, não era metade, talvez não fosse mesmo a decima parte, mas, enfim, era muita gente, eram os republicanos todos da cidade, exceptuando os que estavam doentes, os que não puderam comparecer e, sem duvida, os mil e tal que votaram com o sr. dr. Antonio José de Almeida e os quinhentos e qualquer cousa que sympathisam com o sr. Brito Camacho.

Evolucionistas e unionistas escusam, pois, de procurar explicações para o desastre soffrido, porque nenhuma existe senão esta:—

o povo republicano tem reduzido, pouco a pouco, o numero dos seus idolos, e entendendo que não é preciso mais do que um partido republicano, segue aquelle que tem como figura de destaque o sr. dr. Affonso Costa.

Tudo o mais que se diga para explicar ou attenuar o fiasco da opposição, não passa d'uma desculpa de quem se sente comprometido e não sabe o que ha de dizer.

Houve burla eleitoral?

Nenhuma, por muito grande que ella fosse, conseguiria collocar os adversarios do ministerio n'uma situação tão desfavoravel, porque, embora o governo disponha sempre d'uma força que a opposição não tem, essa força não vae até ao ponto de produzir derrotas como aquella que os camachistas e almeidistas soffreram.

Appela-se para os 18:000 abstencionistas que não concorreram ao acto eleitoral e diz-se que se a grande maioria não votou foi por ter receio de violencias e vexames da parte dos democraticos? Insinua-se de tal modo que esses individuos, se não fosse o medo, iriam votar nos candidatos dos srs. drs. Camacho e Antonio José de Almeida?

Mas isso é um argumento que só poderia ser accetivel da parte dos monarchicos. Republicanos não teem medo de republicanos, porque sabem perfeitamente que, apesar das ambições que os separam, todos se consideram, afinal, da mesma familia e como tal a coberto de perseguições.

Não, nos 18:000 abstencionistas é melhor não fallar.

Esses individuos que se deixaram ficar em casa representam n'este momento um mysterio, um enigma, que só poderá ser decifrado quando houver umas eleições em que se apresentem tambem candidaturas monarchicas.

Só então se saberá o que esses individuos pensam de tudo quanto se está passando.

J. NUNES DE FREITAS.

O Ramallete

NO ALBUM DA MENINA

D. Maria Isabel do Valle Corte Real

Se reflorir podésse o meu pobre jardim
Ao sol do frio outono esquivo e desolado,
Não iria colher algum gentil jasmim,
O adonis presumido, o goivo resignado

Para lhe pôr nas mãos fidalgas e pequenas,
Não ia procurar-lhe o solitario lirio,
A calma palidez das brancas açucenas,
O miosote humilde, o tragico martirio,

A bonina banal, a corpolenta dália,
Crisântemo convulso, istérico, faustoso,
Ou algida camelia, ou virginal azalia,
Tambem deixava o nardo ardente, capitoso,

Magnolia de metal, anemona dormente,
Singela madresilva e a malva maviosa;
Nem lhe daria o cravo apimentado e quente,
Um placido lilaz, glicinia lacrimosa,

Narcotica papoila em cantos de coral,
Orquideas de capricho — aladas borboletas!
Colhia a rosa branca, aberta, jovial,
Juntando-lhe em redor tranquilas violetas.

Flores sabem fallar, com seu aroma e cór,
Palavras subtis, palavras de verdade;
Umaz parecem rir, outras chorar com dôr,
Violeta diz modestia, e a rosa diz bondade!

JOSÉ DE OLIVEIRA SIMÕES.

(Do livro *Versos Perdidos*.)

O ÚLTIMO REI CAVALLEIRO



D. Sebastião, o Desejado
(Reprodução de uma antiga gravura)

Batalha de Alcacer-Quibir⁽¹⁾

(4 de Agosto de 1578)

ALVORECEU emfim o fatal dia 4 de agosto, e D. Sebastião, levantado com a aurora, vestia á pressa as armas, cheio de entusiasmo e ardor. Não succedia o mesmo no resto do exercito; as illusões tinham-se dissipado, e os mesmos que mais ardentes haviam sido em lisongear D. Sebastião, vieram, contrictos e arrependidos, implorar a el-rei que não arriscasse a sorte do paiz em peleja tão desigual. D. Sebastião ouviu-os indignado, e respondeu-lhes com aspereza. D'esta vez tinha razão, e os vis lisongeiros d'outr'ora curvaram a fronte enrubecida diante do olhar inflammado do joven monarcha.

Muley-Hamed é que não se podia resignar a ver todas as suas esperanças esvaírem-se em fumo, e, apesar de ter sido repellido no dia antecedente, pediu a Abd-el-Kerin que era mais acceite a el-rei, que lhe rogasse que só desse batalha no dia seguinte. D. Sebastião respondeu-lhe com uma pergunta: O acampamento de Muley-Moluk é melhor que o meu? — De certo, redarguiu o moiro. — Pois bem, quero tomar-lh'o ainda hoje.

Não desistiu o infeliz pretendente de segurar por algum modo a fortuna que o abandonava, e mandou pedir a el-rei que ao menos começasse de tarde a acção, porque os soldados europeus, que não estavam costumados aos ardores do sol africano, não poderiam combater bem, emquanto durasse a calma. D'esta vez era por tal forma evidente a justiça do pedido que D. Sebastião não teve remedio senão ceder, mas como decididamente a fatalidade conspirasse contra os portuguezes, o capitão Aldana, que até ahí só dera prudentes e assisados conselhos, tomado de subito frenesi, entrou na regia tenda, bradando em altas e descompostas vozes que estava tudo perdido se se não atacasse immediatamente.

Era traição ou loucura? Se era traição, amargamente a expiou, porque foi um dos que ficaram estendidos no campo de batalha. Loucura? Também parece pouco provavel que um capitão prudente e experimentado tivesse de subito um frenesi tão estranho.

Em todo o caso, D. Sebastião, aproveitando esse pretexto, que se lhe offerecia para seguir as suas inclinações, e montando logo a cavallo, deu ordem para que se formasse o exercito, e se entrasse immediatamente em batalha.

D. Duarte de Menezes, recebendo as ordens d'el-rei, tratou de formar em tres divisões o corpo do exercito, e de o dispôr em quadrado, ou antes, como hoje diríamos, em columna cerrada. A vanguarda constituíam-n'a o corpo dos aventureiros, tendo á sua esquerda o terço dos italianos, á direita uma companhia de arcabuzeiros de Tanger, o terço allemão e o hespanhol.

O centro compunha-se dos terços de Lisboa e do Alemtejo; a rectaguarda dos terços de Santarem e do Algarve.

Os carros e as carretas flanqueavam a esquerda da columna; as bagagens iam no centro; duas companhias de arcabuzeiros cobriam a rectaguarda e nas duas alas marchava a cavallaria. A columna era rodeada por varias linhas de arcabuzeiros dispersos, como hoje diríamos, em atiradores.

Os gastadores e a artilharia marchavam a alguma distancia na frente da columna. Commandava-os Pero de Mesquita, balio de Leça.

O terço dos aventureiros era commandado por Alvaro Pires de Tavora, em lugar de seu irmão, Christovão de Tavora, que não quizera sahir de junto d'el-rei. Eram sargentos-móres Pedro Lopes e João Alvares de Menezes, alferes Francisco Ferreira Valdeviesse.

O terço dos italianos commandava-o, como sabemos, Thomaz Sternuile, marquez de Leinster, e era seu immediato o capitão Hercules de Pisa. Os allemães iam guiados ao combate pelo seu chefe Martim de Borgonha. Os hespanhoes, commandados por D. Alonso de Aguilar, marchavam divididos em onze bandeiras ou pelotões, como diríamos hoje; D. Luiz de Cordova, D. Luiz Godoy, D. João d'Avila e o capitão Aldana eram os chefes principaes.

O terço de Lisboa commandava-o João Bezerra, no impedimento dos seus primeiros chefes Diogo Lopes de Sequeira e Pedro de Sequeira. Os terços de Santarem, Alemtejo e Algarve obedeciam aos seus coroneis nomeados, D. Miguel de Noronha, Vasco da Silveira e Francisco de Tavora.

A cavallaria da ala direita dividia-se em tres corpos, um commandado pelo duque de Aveiro, e composto dos seus parentes e criados; outro dos cavalleiros das praças africanas, commandado por D. Duarte de Menezes; o terceiro dos moiros de Muley-Hamed. A cavallaria da esquerda era commandada por el-rei em pessoa, junto do qual tremulava a regia bandeira, hasteada pelo alferes-mór D. Luiz de Menezes.

A formatura adoptada por D. Sebastião não podia dar bons resultados. Contra um exercito tão superior em numero, e cuja principal força consistia na cavallaria, a columna cerrada era a peor de todas as formaturas. Desde o momento que os ginetes arabes a conseguissem romper n'algum ponto, estava todo o exercito perdido; isto no caso de se dar batalha defensiva. Para se tomar a iniciativa do ataque, en-

tão o systema era detestavel. Bonaparte nas Pyramides, o marechal Bugeaud em Isly, tendo de combater contra exercitos da mesma especie que esse que pelejava em Alcacer-Quibir, dividiram as suas tropas em diversas columnas formadas em quadrado, que constituíam outros tantos reductos vivos, que se protegiam mutuamente, e que, ainda que um se rompesse, não perdiam por isso a batalha.

Entretanto Abd-el-Melek, habilissimo general, dispunha o seu exercito de modo que tirasse toda a vantagem possivel das forças que o compunham. Os moiros não estavam costumados a combater assim em regra, mas Abd-el-Melek teve ascendente bastante para os formar com regularidade, para os sujeitar ás leis da tactica, sem com isso lhes afrouxar o impeto.

Abd-el-Melek, primeiro que tudo, occupou um outeiro pouco alto, que se elevava no meio da planicie, mas que serviu ainda assim para elle emboscar uma grande porção das suas forças; no viso do outeiro dispoz a artilharia, mas por tal fórma escondida

A restauração de Portugal em 1640



Gravura allusiva ao heroico feito

(1) No dia de hoje, em que se commemora o heroico feito da restauração de Portugal, tem oportunidade este magnifico trecho de Manoel Pinheiro Chagas, no qual se descreve a batalha de Alcacer-Quibir, cuja perda teve como consequencia para o nosso paiz a usurpação dos Filippes, que durou desde 1580 até ao glorioso dia 1.º de Dezembro de 1640.

com tão bem dispostas ramadas que só os portuguezes a conheceram quando lhe sentiram o estrago. O resto do exercito, disposto em crescente, devia marchar n'essa forma, envolvendo o pequeno exercito portuguez, e apertando-o entre as duas pontas, como nas garras de um tigre immenso. Além d'isso, um dos seus alliados, com um corpo escolhido de cavallaria, devia torneiar muito de longe os portuguezes, e, correndo ao longo do Mâkzen, vir cahir sobre a sua rectaguarda. Abraham Sufian, alcaide de Alcacer-Quibir, devia fatigar as columnas portuguezas com as escaramuças continuadas da sua cavallaria ligeira.

Não podemos deixar de admirar as disposições do habil e moribundo emir de Marrocos. Ao passo que o rei de Portugal dava as ordens mais absurdas, e commettia erros que os generaes subsequentes nas guerras contra os moiros, se guardaram bem de imitar, Abd-el-Melek, pelo contrario, tomava medidas excepçoes na estrategia marroquina, e que nunca mais se repetiram, porque nunca mais tiveram os moiros á sua frente um tão perito conhecedor dos segredos da arte da guerra.

Assim Abd-el-Melek, ao entrar em batalha, nem quiz que os soldados levantassem o acampamento, nem que ficassem a defendel-o. Ordenou que um renegado genovez com uma forte divisão ficasse a guardal-o, evitando assim a confusão que deu causa em grande parte á perda da batalha d'Isly, em que os moiros pelearam quasi á roda do seu campo, onde entrou a cavallaria franceza produzindo um estrago irremediavel.

No modo como dispoz as tropas não foi menos habil Abd-el-Melek. Na vanguarda poz os soldados em que tinha menos confiança, que eram os gazues e os andaluzes; nas costas d'estes collocou as suas melhores tropas, os renegados e os azuagos, os quaes demais a mais tinham um odio de morte aos que iam adeante, de fórma que bem sabia Abd-el-Melek que os não deixariam recuar, antes os obrigariam ás lançadas a investir com os inimigos.

Em terceira linha marchavam os bereberes e os kabylas, que de nada serviam para o ataque, porque tomariam o partido do vencedor, mas que eram admiraveis para completar a derrota. Ferozes e sanguinarios, não dariam quartel, e os seus movimentos impetuosos produziram um terror immenso nas fileiras dos inimigos abalados.

A rectaguarda, emfim, era composta pelas intrepidias, mas selvagens tribus do Atlas, que os marabutos haviam fanatisado, e que marchavam contra os christãos com um odio immenso no coração. Em cada uma das pontas do crescente galopavam dez mil cavalleiros arabes, e a cavallaria ligeira do alcaide de Alcacer-Quibir, em filas de quinze e de vinte homens, volteava galopando em djérid phantastico, excitando-se d'esse modo para a peleja.

Sentindo a morte approximar-se, Abd-el-Melek teve ainda energia bastante para occultar os seus padecimentos, e para percorrer, com o rosto revestido de uma pallidez mortal, as fileiras do seu exercito, animando a todos, e lamentando deante dos seus alcaides que não podesse partilhar os seus perigos e a sua gloria. Politico tão habil, como experimentado general, soube dizer a cada um as palavras que maior impressão lhe faziam; aos alcaides do seu partido commoveu-os com as tristezas da saudação; aos indecisos e inimigos captivou-os com a benevolencia do acolhimento; aos renegados affirmou que D. Sebastião dissera que os queimaria vivos

se os apanhasse; aos fanaticos asseverou que seu sobrinho se fizera christão, e que, se vinha reconquistar o perdido imperio, era com o firme proposito de expulsar de todo elle a seita de Mahomet.

Ao mesmo tempo D. Sebastião commettia desacerto sobre desacerto. Repellia um ultimo conselho de fr. Estevão do Carmo, que lhe pedia que não arriscasse a batalha, e, louco de jubilo com a presença do inimigo, não pensava senão nas façanhas que ia praticar como cavalleiro, sem se importar com os seus deveres de general.

E comtudo, ao mesmo tempo, enquanto percorria as fileiras com o rosto radiante de entusiasmo, intimava todos positivamente para que só á sua voz regressem o inimigo.

Mas prestemos ao mesmo tempo justiça ao intrepido mancebo: não descórrou nem se turvou, quando viu avançar para elle o crescente immenso das tropas musulmanas.

A columna portugueza avançava na ordem que dissemos, e já alguns dos cavalleiros soltos d'Abd-el-Melek escaramuçavam com a nossa rectaguarda, denunciando assim o plano de nos envolver, concebido pelo emir; D. Sebastião a nada attendia, e só desejava chegar proximo do inimigo para poder desembainhar a espada. Assim, avançando desattento, chegou a tiro de peça da collina, e de subito a artilharia inimiga, desmascarando-se, lançou a desordem nas nossas fileiras. Houve um momento de hesitação, e essa hesitação, graças á absurda formatura do nosso exercito, communicou-se a todos os terços. Vendo os soldados abalados antes de entrarem em batalha, o capitão Aldana, tornando a si do accesso de loucura de pela manhã, se loucura foi, chegou-se a D. Sebastião, e disse-lhe que procurasse pôr-se a salvo, porque a derrota era imminente. Espantou-se o monarcha d'estas palavras, e perguntou-lhe o que as motivava. «Vêde o nosso estado, redarguiu o castelhano; reparae no alvoroço e na confusão que levantam os primeiros tiros; o que será d'este exercito, que se inquieta com as balas de alguns canhões, quando tiverem sobre si as lanças e os mosquetes de tantos infieis?»

Recuando, romperá as linhas, e embaraçados uns com os outros até ás bagagens, ca-

hirão todos quasi sem defeza em poder dos barbaros.»

O rei ficou um pouco turvado com esta declaração cathogorica, justificada pelo que podia vêr; vinha, porém, tarde este aviso, e o rei, para completar de todos os modos o procedimento incrível que o levou a lançar-se de olhos fechados no abysmo, revelou indecisão exactamente quando devia mostrar energia.

O exercito, marchando em ordem unida, começava a ser maltratado pela artilharia inimiga, e el-rei não dava ordens. Foi necessario que um voluntario do corpo dos aventureiros, Bernardim Ribeiro Pacheco, bradasse do seu logar que se desse o signal do combate afim de não morrerem todos inutilmente, e que Jorge de Albuquerque Coelho fizesse notar ao monarcha o estrago que os musulmanos já começavam a produzir, para que D. Sebastião, sahindo do seu torpôr, mandasse tocar a Ave-Maria, signal do rompimento da peleja. O jesuita Alexandre de Mattos levantou bem alto um crucifixo, os infantes ajoelharam, curvaram-se os cavalleiros e ao melancholico estridôr dos clarins e trombetas, floreado a melodia religiosa, o exercito, reverente e cheio de uncção, preparou-se, como os cruzados de Godofredo, mas com muito menos



A proposito da restauração de Portugal em 1640

A historica sala na qual se reuniam os conjurados e onde hoje está installada a Comissão Central do 1.º de Dezembro

entusiasmo do que elles, para o holocausto cruento, em que iam sacrificar as suas vidas e a existencia nacional ao principio, talvez poetico, mas de certo absurdissimo, da guerra religiosa, da propaganda armada.

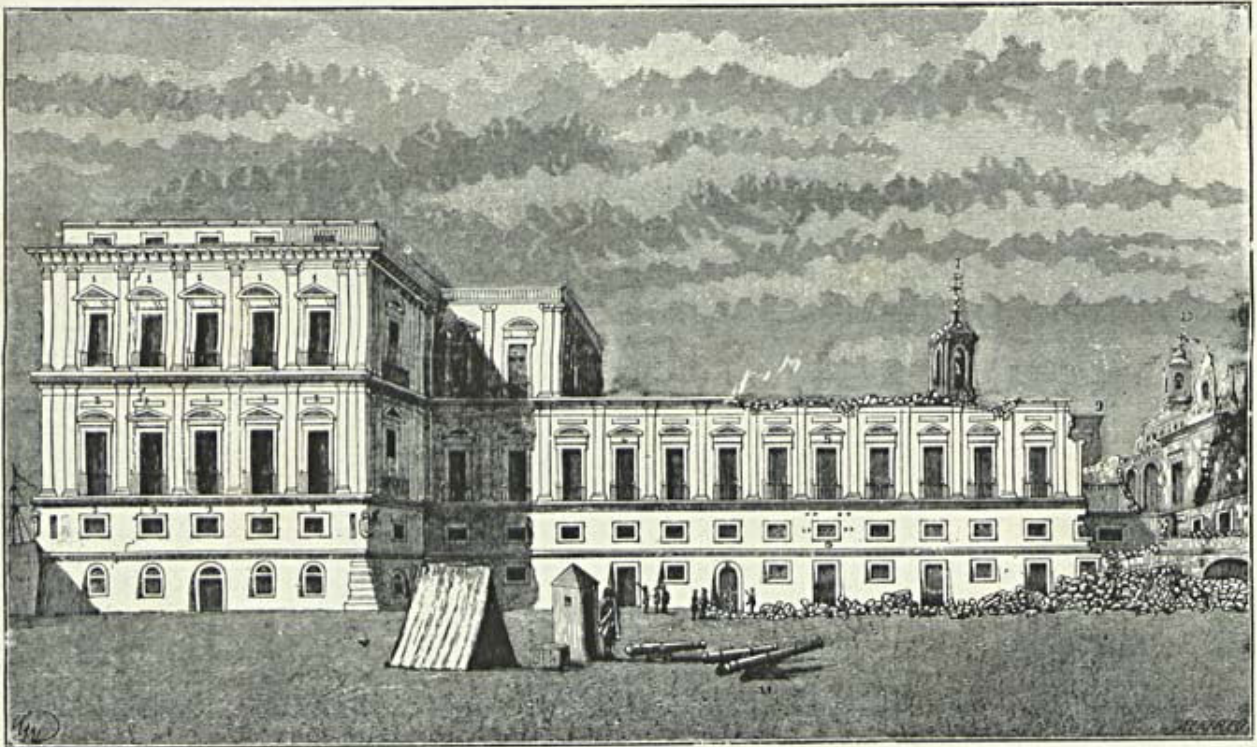
D. Sebastião é que sentiu a sua energia retemperar-se n'este exercicio devoto; arrancando a espada, e lançando para bem longe a bainha, o joven soberano, radiante de entusiasmo e de audacia, respirando o cheiro da polvora como corcel impaciente, e olvidando completamente os deveres de general, precipitou-se sobre os inimigos á testa do esquadrão, que em pessoa commandava. Mas a ordem de marcha, que devia dar aos outros corpos, e sem a qual ordenara expressamente que nenhum atacasse, nem mais se lembrou d'ella.

O exercito paralyzado não pôde carregar com a unidade que faria o seu impeto irresistivel. Apesar de todos os erros commettidos, quem sabe o que faria ainda o valor portuguez, se esse pequeno mas resolutivo exercito de dezoito mil homens, levado á victoria pelo seu entusiastico soberano, pela sua valente nobreza,

e abalou a galope. Seguiu-lhe o exemplo Muley-Hamed, e este reforço augmentou a confusão dos inimigos, embaralhou-lhes as fileiras, e, lançando para o meio dos cavalleiros os atiradores arabes, pôz em completa derrota essa tropa ligeira que precedia o corpo de exercito.

A victoria era maravilhosa, mas parecia segura. Quando um punhado de cavalleiros tal estrago produzia, como não seria irresistivel o embate do corpo de exercito, se, carregando a um tempo, viesse auxiliar os heroicos esforços da fidalga cavallaria?

Os cavalleiros inimigos fugiam em todas as direcções, começavam já a perturbar o corpo do exercito, que ondeiava, oscillava, hesitava, vendo a promptidão com que os cavalleiros christãos afugentavam os ginetes berebêres, mas el-rei, embriagado com o combate e a victoria, nem já pensava nos seus deveres de general. O corpo do exercito contemplava, como simples espectador, as façanhas da nobreza, e não se atrevia a marchar. Os impacientes rugiam, choravam os velhos soldados de Tanger, de Mazagão, e ninguem sabia, ninguem podia aproveitar-lhes o bellico ardôr.



A proposito da restauração de Portugal em 1640 — O antigo paço da Ribeira, segundo uma gravura da epoca

No torreão, á esquerda: 1. Sala que servia para os embaixadores; 2. Bibliotheca; 3. Quarto do Marquez de Abrantes. No corpo central 4. Janella por onde os conjurados lançaram á rua o corpo de Miguel de Vasconcellos; 5. Janella onde se armava a tribuna regia para as festividades publicas; 6. Porta da casa da Índia; 7. Torre do Relogio. Á direita: 8. Arco que conduzia ao Terreiro do Paço; 9. Palacio do Conde da Ribeira; 10. Torres da freguezia de Nossa Senhora dos Martyres.

excitado pelas glorias dos seus passados, pelo brio nacional, pelo ardor religioso, carregasse compacto sobre o inimigo, matasse sobre os canhões conquistados os pavidos artilheiros, rompesse o centro d'esse crescente immenso que ameaçava envolvê-lo, e, chegando proximo de Muley Moluk, na occasião em que este, rendido pelo ultimo esforço, soltava o derradeiro suspiro, espalhasse a noticia fatal, e, aproveitando o primeiro terror panico, desmoronasse os renegados firmes como um baluarte, acolhesse no seu seio os transfugas, dispersasse os indecisos, e, cortando com o seu ferro heroico as tribus aterradas, colhesse mais uma vez immorredouros loiros n'esse funesto areal que tinha de ser a sepultura da sua gloria?

Não é um vão sonho esta supposição. Os factos bem demonstraram a sua possibilidade. A carga dada por el-rei foi irresistivel; o seu brilhante esquadrão levava adeante de si enovelados os cavalleiros arabes, e o joven rei, na vanguarda, brandindo o sanguisedento gladio, parecia o leão na investida, espantando só com o seu rugido os caçadores convulsos.

Vendo que el-rei olvidava os seus deveres de general, D. Duarte de Menezes tomou sobre si pôr em movimento o seu esquadrão,

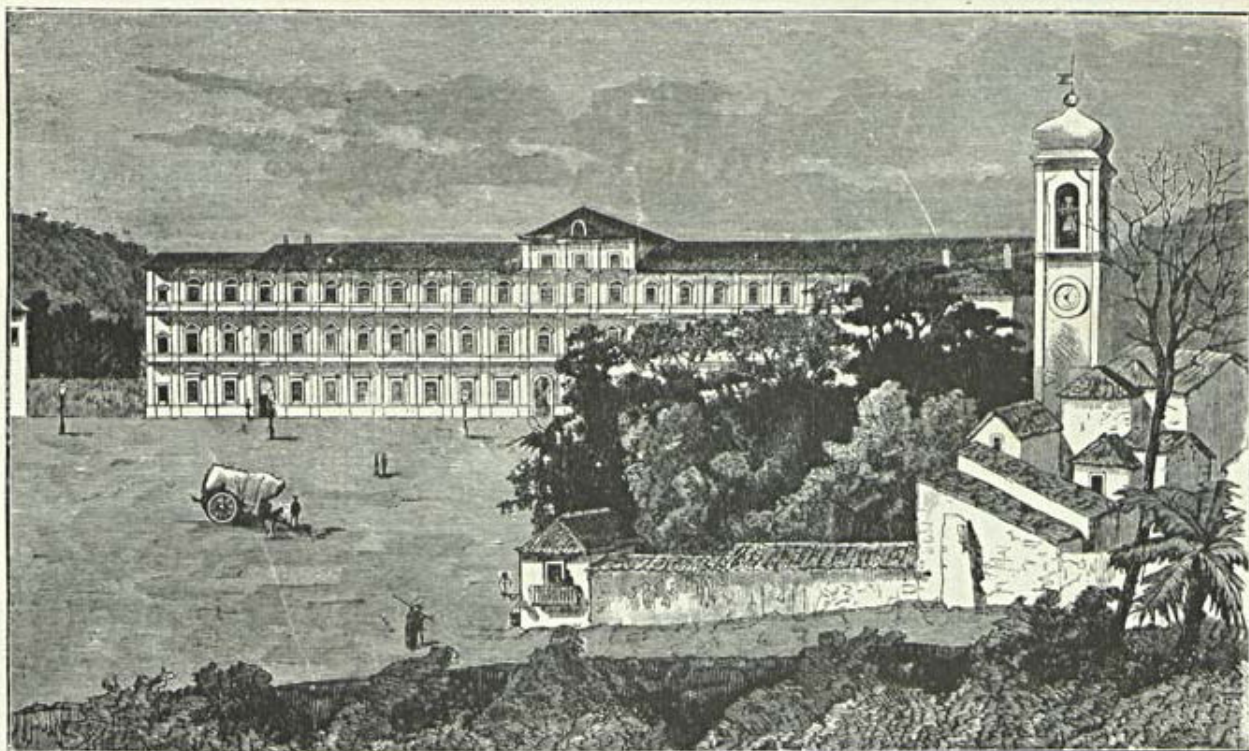
Afinal o corpo de aventureiros, não podendo conter-se, abalou tambem sem ordem, e precipitou-se sobre os inimigos. Esta nova carga produziu um effeito fulminante. Não era já a cavallaria solta que fugia, era o proprio corpo do exercito que não ousava arrostar o impeto dos nossos. A'vante, bravos aventureiros! salvae n'este heroico torneio o nome, a gloria, a prosperidade, o futuro da vossa patria. Oh! vêde como elles levam adeante de si, na ponta dos piques, os arabes aterrados; os arcabuzeiros de Tanger seguem-nos tambem; o seu fogo vivo, certo e sem interrupção, semeia a morte nas fileiras inimigas. E' um punhado de bravos no meio das ondas dos moiros; mas, como um navio possante sulca magestoso a amplidão, rasga a crista das vagas, repelle para um e outro lado os seus esquadrões espumantes, assim o pequeno troço dos aventureiros sulca, dispersa e corta em mil fragmentos essa longa e espessa linha curva do crescente mourisco. Foram tão adeante os intrepidos aventureiros, que, arrojando para um e para outro lado os mais valentes dos inimigos, chegaram proximos do ponto onde uma liteira com as cortinas cerradas transportava Abd-el-Melek, desfallecido e moribundo. Ouvindo o clamor da victoria, que os nossos soltavam, escutando os gritos de terror dos seus,

sentindo tão proximo de si o rumor do combate, o velho soldado reanimou-se; sabendo que lhe fugia a sorte do prelio, Muley-Moluk, intrepido até á morte, fez um derradeiro esforço, comprimiu a dôr que o dilacerava, chamou a si as forças vitae que lhe fugiam, repelliu o anjo Azrael, que já em torno d'elle volteiava, com a sua indomavel energia e, vestindo as armas, montou a cavallo; mas n'este ultimo esforço esgotou-se-lhe de todo a vida, a espada cahiu-lhe da mão convulsa, perdeu a luz dos olhos, e soltou o derradeiro suspiro, pondo ainda o dedo nos labios gelados, para avisar d'esse modo os seus fieis, já que fallar não podia, para que occultassem um desastre que seria o signal da derrota.

Os nossos estavam tão proximos d'elle, que muitos o viram cair, que houve até quem supozesse que fôra uma bala de um arcabuzeiro de Tanger que lhe apressara a morte. Ah! se n'este momento, proclamando a noticia, apertando mais com os inimigos, e dando ordem emfim ao resto do exercito para auxiliar o impeto da cavallaria e dos aventureiros e dos arcabuzeiros de Tanger, D. Sebastião o houvesse arrojado contra o inimigo, não enfunaria mais uma vez, contra todas as probabilidades, o sopro da victoria as triumphantes quinas portuguezas?

cavallaria, talvez notando o movimento retrogrado dos aventureiros. Foi o que perdeu tudo. Vendo-se desoppressos dos nossos, os inimigos voltaram a si do panico terror que os salteira, e tornaram ao combate com furia desesperada.

A artilharia, livre dos assaltantes, desencadeiou de novo a sua procella de fogo e ferro, com que dizimava os esquadrões portuguezes. A morte d'Abd-el-Melek não era sabida senão pelos seus mais intimos, que haviam escondido o cadaver na liteira, e acercando-se d'ella, fingiam pedir as suas ordens e responder ás suas perguntas. A fuga dos inimigos muda-se de prompto n'um movimento offensivo, os esquadrões arabes, reanimados, voltam sobre os portuguezes, que d'esta vez lhes não podem soffrer o impeto, não só porque já perderam o primeiro ardor, como porque a fadiga e a calma, que é aterradora, lhes anniquilam as forças physicas. Pondo na vanguarda longas fileiras de escopeteiros, os inimigos crivam de balas os nossos soldados, que caem uns sobre os outros ardendo em raiva de não poder ao menos morrer vingados; a desordem é extrema, e n'este terrivel momento, D. Sebastião, correndo para um e outro lado, nem dá ordens para diminuir o desastre, como as não dera para assegurar a victoria.



A proposito da restauração de Portugal em 1640 — O Paço de Villa Viçosa, antiga residencia dos Duques de Bragança

Não succedeu assim, porque D. Sebastião pelejava como um soldado, e, embebido nas suas façanhas de cavalleiro, deixava passar ao alcance da mão a fortuna que lhe fugia, e comtudo ella, fugindo-lhe a medo, ainda lhe enviava os seus mais benevolos sorrisos; os canhões inimigos, desmascarando-se, tinham surpreendido a nossa artilharia na sua marcha, e Pedro de Mesquita, com as peças nas carretas, mal podera responder ao seu fogo; mas o impeto dos esquadrões e do terço dos aventureiros remediara esta falta, e, enquanto uns dispersavam a cavallaria arabe, e rompiam o centro do exercito inimigo, outros, arrojando-se á collina, lutavam corpo a corpo com os artilheiros, e faziam calar a bateria. Já por um lado os aventureiros, por outro lado D. Sebastião e o duque de Aveiro ameaçavam os canhões marroquinos; o resto dos esquadrões e do terço brilhante de Alvaro Pires de Tavora proseguiam a victoria, quando um dos capitães dos aventureiros, Pero Lopes, vendo que o resto do exercito os não auxiliava, e temendo que os nossos, levados pelo seu ardor, se perdessem embebendo-se nas fileiras inimigas, bradou: *Ter! ter!* no intuito de lhes reprimir o impeto. Não seria traição, mas foi um acto de rematada insanía. Os aventureiros, ouvindo essa voz de um dos seus capitães que os mandava fazer alto, suspeitaram algum desastre, e começaram a retirar desaffrontando o inimigo; ao mesmo tempo, outra voz, que nunca se soube de quem era, reprimia o impeto da

E o que fazia o resto do exercito que ainda não combatera? Oppresso pela fadiga da marcha, e pelo ardor de um sol africano de agosto, defendendo-se em ordem compacta contra o turbilhão da cavallaria inimiga, que sobre elle cahia depois de ter destroçado a flôr das nossas tropas, embaralhavam-se-lhe as fileiras, e cahiam quasi sem combater. Os allemães, os italianos, os hespanhoes, repellidos pelo terrivel impeto dos inimigos, lançavam a desordem no terço dos bisonhos recrutados portuguezes, que fugiam possuidos de um terror panico, e achavam na fuga as lanças da divisão que, torneando o plaino e galopando ao longo do Mákzen, os vinha salteiar pela rectaguarda. Para cumulo de desgraças, pegou fogo n'um carro de polvora, que voou pelos ares, espalhando em torno de si a morte. Esta explosão completou a derrota n'esse ponto; a batalha não offerencia d'ahi a pouco senão o aspecto e as periecias do mais formidavel desastre.

Entretanto D. Sebastião, desvanecidas as illusões, perdida a esperanza, só pensava em morrer. Agrupada em torno d'elle, a flôr da sua nobreza dava ao mundo o exemplo da mais heroica abnegação. Ninguém pensava em si, todos no monarcha. Morrerem para o salvar era o anhelos de todos, miços e velhos, mancebos a quem sorria a vida, anciãos que tinham na sua existencia uma longa serie de acções gloriosas. Pondo-se á frente dos fidalgos, D. Sebastião deu uma carga furiosa para tentar livrar a artilharia que os ini-

migos tinham quasi tomada. N'esta investida tremenda, o duque de Aveiro, D. Jayme de Bragança, D. João de Mendonça, e muitos outros fidalgos encontravam a morte; o prior do Crato despia as armas todas golpeadas pelo ferro inimigo, e a pé, não fazendo caso do proprio perigo, indicava ao rei um claro nas fileiras mussulmanas, por onde podia atravessar, pondo-se a salvo.

Mas el-rei não o attendia. Ah! temos censurado bastante o louco mas infeliz mancebo, para que lhe possamos prestar agora uma derradeira homenagem. Não se desmentiu nem um instante, o seu intrepido valor. Conscio de que lhe era devido o immenso de-

As investigações acerca da ultima tentativa de restauração monarchica



Homero de Lencastre, auxiliar da policia do Porto, sahindo do edificio do Governo Civil de Lisboa

sastre a cujas peripecias assistia, não quiz sobreviver a elle, quiz expiar-o ao menos derramando a ultima gota do seu sangue. Foi uma resolução para Portugal de tristes consequencias, mas resolução digna de um heroe e heroicamente executada. Não se lançou como um furioso nas fileiras inimigas, não; grave e triste, como a victima da fatalidade, arrojava-se aos moiros, e em cada investida entrava mais fundo no seio do seu exercito e abria um largo e ensanguentado sulco.

As suas palavras serenas e compostas não desmentiam a serenidade da resolução. «Rendei-vos, senhor» dizia-lhe D. Francisco de Mascarenhas, e elle sacudia negativamente a cabeça com um triste sorriso. «Só nos resta morrer», acudia então D. João de Portugal. «Morrer, sim, murmurava el-rei com voz abafada e lenta, morrer mas devagar.»

E, sombrio e implacavel, lá ia de novo semear a morte nas fileiras dos moiros, que, sem o reconhecerem, lhe tinham cobrado medo, e se affastavam diante d'elle, fugindo aos golpes da sua terrivel espada.

Os fidalgos não o largavam, cobrindo-o com o corpo, aparando os golpes que iam vibrados ao soberano. Foi assim que morreu Vasco da Silveira, procurando defendel-o, foi assim que D. João de Portugal levou no rosto uma formidavel cutilada. Completa por todos os lados a derrota, os moiros voltaram a apinhar-se em torno d'este pequeno grupo que resistia sempre. Então Christovão de Tavora, lavado em lagrimas, ajoelhou diante do soberano, e perguntou-lhe: «Que remedio teremos agora, senhor?» — «O do céu, se as nossas obras o merecerem», respondeu el-rei.

Mas o valido, querendo salvá-o, continuou ajoelhado, e, acenando a um dos chefes moiros, pedia ao mesmo tempo a regia espada, para a entregar aos inimigos. D. Sebastião, deixando n'este momento a serenidade que o caracterizava na ultima peripecia da batalha, repelliu-o bruscamente, e exclamou: «Não, a liberdade real só se ha de perder com a vida.»

E, enterrando as esporas no cavallo, entranhou-se a galope nas fileiras mussulmanas. Seguiram-n'o os fidalgos, mas depressa o perderam de vista. Tomado de sombria desesperação, el-rei fazia voar o cavallo, distribuindo para um e outro lado as mais robustas cutiladas. O conde de Vimioso era quem de mais perto o acompanhava, mas caiu aos golpes dos moiros, e D. Sebastião, perdendo-se aos olhos de todos, sumiu-se para sempre no mais indecifrável mysterio.

Qual foi a sua sorte? Ninguém o sabe. Morreu na batalha? E' o que se não pode duvidar, mas ninguém o viu cair, e a lenda envolveu a sorte do infeliz soberano nos seus magicos véos.

PINHEIRO CHAGAS.

O Brasil

O' povo d'Além-Atlantico,
Que vens de nossos avós,
E's digno d'um grande cantico,
Maior que o da minha voz.

Seio de viagem ardente,
De florestas colossais,
Cuja paisagem ridente
Não tem no mundo rivaes.

Que ricas são essas zonas
De sublimada beleza!
Nas campinas do Amazonas
Que pujante natureza!

Vasto refugio no mundo,
E's radioso El-dorado,
Terra de sólo fecundo
O' Brasil abençoado!

(Do livro de versos *Claro escuro*)

JOÃO EDUARDO RIBEIRO.



As investigações acerca da ultima tentativa de restauração monarchica — Armamento encontrado em casa do sr. Alfredo Pusich Luna, antigo thesoureiro das Companhias Reunidas Gaz e Electricidade. (Phot. de ***)

Bispo Conde

Se a morte favorece a justiça, não deve ser propícia a lisonja.

LACUDAIN.

Morreu o Senhor Bispo Conde; e quando a sua familia lastima a perda d'aquelle que sempre fôra extremosissimo em affectos, a historia apressa-se a tributar-lhe a homenagem devida aos seus elevados merecimentos.

O sexagesimo primeiro Bispo de Coimbra, cuja vida episcopal se filtrou entre os conturbados periodos dos derradeiros quarenta annos, merece a todos os portuguezes que rememorem as suas altas qualidades, e que a imprensa fixe, para que sejam bem conhecidos da posteridade, os delineamentos do seu magestoso perfil.

Nascido na Carregosa, em 19 de novembro de 1830, solta o derradeiro alento n'essa terra que lhe foi berço e no mesmo dia em que prefazia oitenta e tres annos.

Depois de estudar preparatorios em Ilhavo com o mestre regio dr. Pereira Bilhano, que veiu a ser arcebispo de Evora, matriculou-se na faculdade de direito da Universidade de Coimbra, cuja formatura concluiu com manifesto aproveitamento, passando immediatamente a praticar o fóro na Villa de Feira com o advogado João de Castro Côte Real. Ahi o foi surpreender a escolha que o novo bispo de Bragança, D. José Manuel de Lemos, em casa de quem se formara, fizera da sua pessoa para o cargo de seu secretario. Monsenhor Bastos Pina, não teve, pois, aquella preparação ecclesiastica tão necessaria para o desempenho do munus pastoral, e d'esta falta se ressentiu perdurante a sua longa carreira; é todavia certo que o estudo, o são criterio, o bom conselho, a experimentada prudencia e esclarecidos auxiliares de que se soube rodeiar suppriram em muito essa falta.

Em compensação tinha creado relações que excepcionalmente favoreceram e facilitaram a sua acção episcopal. D. José Manuel de Lemos não mais se separou do seu antigo companheiro de casa; de Bragança levou-o para Vizeu, e d'ahi para Coimbra, commettendo-lhe as mais honrosas commissões, associando-o ao governo d'essas dioceses com o proposito firme de o indicar para o episcopado. Chantre da Sé de Coimbra e vigario geral do mesmo bispado, e pessoa gratissima ao prelado, muito em breve se encontrou n'uma situação preponderante, a que as suas altas qualidades de tracto, não menos que a sua prespicaz intelligencia, deram um relevo excepcional. Não tardou muito que fosse o vigario geral quem governava por si só a diocese. O Bispo Lemos estava velho, doente, e depositava toda a confiança no seu delegado, o que habilitava este a propôr e dispôr consoante o seu alvedrio; com todo o criterio começou a exercitar a sua acção, onde se lhe afigurava ser mais necessaria e mais proficua. Começou pelo Seminario, e começou bem. Remodelou-o, introduzindo-lhe grandes melhoramentos materiaes, tornando-o tambem um collegio de educação secular, por onde passaram os filhos das mais distinctas familias do paiz. Seria, e era sem duvida, louvavel a sua intenção, mas na pratica contrariou involuntariamente o fim que se propunha um estabelecimento de instrução ecclesiastica, cuja disciplina era manifestamente prejudicada pela promiscuidade com os leigos, que não podiam ser submettidos aos rigores da disciplina propria dos candidatos ao sacerdocio. Mais

tarde conheceu o erro e corrigiu-o; o Seminario passou a ser o que devia apenas ser — a casa de preparação para futuros padres.

Morre o Bispo Lemos, ao tempo que o governo, sendo ministro da justiça o sr. José Luciano, havia já apresentado Mgr. Bastos Pina coadjutor com futura successão de Prelado Conimbricense.

Surgiram grandes difficuldades durante o curso do processo canonico para a confirmação Apostolica, baseadas na suspeição de exaggerado liberalismo do confirmando. Governava a Egreja Pio IX, avesso a todas as transigencias, e inflexo na rigidez dos seus principios.

Por fim tudo se aclarou; desfizeram-se equivocos, e o novo Bispo teve occasião de pôr logo em relevo importantes serviços prestados, conseguindo ver realisados os seus desejos que, diga-se a verdade, tambem eram os de toda a diocese, o que foi extremamente honroso para o novo Bispo.

Foi a 19 de maio que, na sumptuosa Sé Cathedral de Coimbra, teve lugar a sagração com toda a solemnidade, officinando o Bispo de Bragança, assistido pelos Bispo do Porto e o resignatario de Angola, D. José Lima, servindo de mestre de cerimoniaes o fallecido Prior do Sacramento de Lisboa Costa Pereira. Dos que tomaram parte principal n'essa imponentissima cerimonia resta apenas vivo, apesar de octogenario, Mgr. Ayres de Gouveia, hoje Arcebispo titular de Chalcedonia e ao tempo Bispo eleito do Algarve.

N'esse dia, em meio dos seus amigos, na presença do Prelado Universitario, e ante os Duques de Loulé, Marquez de Sabugosa, Conde de Linhares e Anselmo Braamcamp, ascende ao solio episcopal Conimbricense o Senhor D. Manuel Correia de Bastos Pina, que desde essa hora era o 61.º Bispo de Coimbra. Conde de Arganil, Senhor de Coja e Alcaide-mór de Avó.

Comprehendendo os deveres do seu cargo, e querendo demonstrar a inanidade das accusações, que só conseguiram demorar a sua confirmação, procurou cumprir com escrupulo todas as obrigações inherentes ao episcopado.

Ahi estão bastos serviços prestados aos seus diocesanos attestando o interesse que lhe merecia a sua diocese, inquirindo nas visitas pastoraes, com igual sollicitude, do estado moral e material dos povos que ia abençoar.

Sem embargo de procurar arredar todos os conflictos com o poder civil, e esmerando-se em man-

ter com todos os partidos cordeas relações, mostrava-se inflexo nos pontos da disciplina e do Direito Canonico. Quando se dirigia ao poder civil fazia-o sempre com energia e desassombro.

Na sua diocese as freiras foram sempre, até ao fallecimento da ultima, enterradas nos seus claustros, o que aliás não succedeu em nenhuma outra diocese, sem que o acobardassem ameaças ou affrontas.

Os conventos das Ursulinas e S. Joanna de Aveiro, como casas benemeritas de educação feminina, mereceram-lhe especialissimos carinhos, ao mesmo tempo que foi tambem protector decidido das demais comunidades religiosas, desdenhando das campanhas que por tal motivo lhe fizeram; que o digam as Freiras Carmelitas que se albergavam em Santa Thereza.

O periodo aureo do Pontificado de Monsenhor Bastos Pina, coincidiu com a vinda para Portugal, como Nuncio Apostolico, do intilligente e fino diplomata Monsenhor Vannutelli. Foi este preclaro ornamento do Collegio Cardinalicio, e prelado de amplas vistas, quem se soube aproveitar do Bispo-Conde, ao mesmo tempo que este se firmava nas amistosas relações mantidas com o representante do Papa, para consolidar e affirmar o seu prestigio. E conseguiu-o, com justificada razão. Os Bispos de Bragança e de Mitylene, Monsenhores Mariz e Baptista da Cunha, deveram a mitra



D. Manuel Correia de Bastos Pina

Bispo-conde de Coimbra
(† a 19 de Novembro de 1913)

á sua indicação; e o desenvolvimento da vida catholica foi iniciado sob os seus auspícios. Mas, simultaneamente, surge o mais grave de quantos conflictos se deram perdurante o seu governo episcopal. «A questão da Faculdade de Theologia».

Custa a comprehender como o Bispo Conde, filho da Universidade, vivendo por tantos annos em Coimbra, passando por habilissimo diplomata, não conhecesse quão contrapruudente era para a Igreja Lusitana, a extinção da Faculdade de Theologia, por onde tinham passado no seu tempo os espiritos mais lucidos, os talentos mais brilhantes, os mestres mais eruditos, os polemistas mais vigorosos, que professavam nas cathedras da Universidade Conimbricense, e não previsse os dissabores que tal conflicto lhe acarretaria.

Comtudo, a proposito d'uma asserção feita no Conselho de Instrução Publica pelo lente da mesma faculdade Doutor Damasio Jacintho Fragoso, o conflicto irrompeu, por uma fôrma violenta, em que por vezes a auctoridade pessoal e Episcopal do Bispo Conde ficou compromettida, embora talvez mais por uns certos que tomaram a peito a defeza do Prelado e dos seus direitos. Já todos morreram, não ha que os discutir.

Factos posteriores vieram demonstrar que o Bispo Conde teria no seu intimo desapprovado a dissensão; as relações com os lentes theologos foram reatadas, e tudo ficou como d'antes, excepção feita ao exercicio do magisterio do Seminario, pelos Universitarios, e a uma certa má vontade que por vezes se manifestou contra a Faculdade.

Ultimamente é que se avaliou bem o que era, o que valia e para que servia na Universidade a Faculdade de Theologia, de tão distinctas e de tão brilhantes tradições, e ninguém melhor do que o Senhor Bispo o podia apreciar e sentir... e como o teria sentido, ao aperceber-se do derruir da sua Universidade...

Foi palaciano? é certo, e muito da intimidade das Pessoas da Familia Reinante, comtudo procurou arredar a menor suspeição de partidario.

«Nunca pertenci nem pertenco a partido nenhum politico do meu paiz», dizia o Bispo Conde, em officio dirigido ao Ministro da Justiça, em 30 de Outubro de 1883, e n'esse mesmo documento encontram-se as seguintes affirmações que não foram até agora transcriptas, e cuja divulgação julgamos interessante e opportuna:

«Não posso por isso deixar de lamentar, como Bispo Catholico «e cidadão portuguez, os preconceitos dos partidos liberaes contra «a religião catholica, e os receios infundados que parecem ter de «protege-la e de aproveitarem este elemento poderosissimo para o «bom governo da sociedade, para a manutenção da segurança pu- «blica e para os progressos da civilização. E lamento mais ainda a «cegueira dos partidos democraticos e republicanos em julgarem «que é necessario combater a religião e os seus ministros, e fazer «propaganda de impiedade e de atheismo para prepararem o trium- «pho da sua politica, como se a religião os estorvasse, ou se im- «portasse com as formas dos governos, ou com as luctas dos par- «tidos.»

Sob esta orientação pautava todos os seus actos, e assim é, que n'um outro documento, relativamente recente, do seu pontificado, nós encontramos nomeados para a Commissão que havia de promover os festejos e exposição artistica commemorativa do Quinquagesimo Anniversario da Definição Dogmatica da Immaculada Conceição de Nossa Senhora, sob a sua Presidencia, ao lado do Nacionalista Doutor Gonçalo d'Ameida Garrett, os republicanos Antonio Augusto Gonçalves, Director da Escola Industrial, e do Doutor Joaquim Martins Teixeira de Carvalho (Pastoral de 10 de Abril de 1904); da mesma maneira que, muito anteriormente, apesar das suas poucas sympathias pelo partido legitimista, nem por isso se negou a presidir á absolvição final, nas solemnisimas exequias, que por alma d'El-Rei D. Miguel I os miguelistas conimbricenses fizeram celebrar na propria Cathedral.

Foi incontestavelmente o bispo portuguez mais discutido n'estes ultimos quarenta annos, mas este facto, longe de lhe amesquinhar a valia, faz resaltar os seus meritos, porque os nullos não se discutem, os inuteis não se combatem, e ninguém, em terra portugueza, deixou jamais de tributar ao venerando prelado, agora fallecido, as homenagens a que tinha jus pelos singulares predicamentos que constellavam a sua bonissima alma.

Energico disciplinador, regendo com desusada firmeza a sua diocese, elle contava com o seu clero, que lhe era decididamente devotado; e os seus diocesanos respeitavam-n'o e estremeciam-n'o, porque o finado sabia distribuir a mãos largas, mas evangelica-

mente, largas esmolas que soccorriam miseros, e valiam, nas circumstancias difficeis, a muitos remediados. Por isso, clerigos e leigos, bemdizem hoje a sua memoria.

Se no parlamento a sua palavra desaffecteda e despretenciosa era escutada com respeito e agrado; se no pulpito ou no faldistorio os fieis o ouviam submissos e edificados; se os ecos das suas homilias, ou as apostrophes das suas orações parlamentares se repercutiam no Vaticano, onde eram attendidas como provas inequivocas de submissa dedicação ao Supremo Chefe da Igreja; a sua mão em toda a vasta diocese de Coimbra era beijada com gratidão infinda, todas as vezes que se erguia para soccorrer os grandes desconfortos e enxugar as lagrimas dos maximos infortunios, parecendo então as suas palavras as de um pae que chorava a sorte triste de filhos estremecidos.

Por isso, na hora do seu traspasso, o ultimo momento da sua vida, que é o primeiro instante de justiça, a mais profunda commoção sacudiu quantos o estremeciam, e todos os que se incorporaram na derradeira romagem de gratidão, ao acompanhá-lo á sepultura, como que procurando retel-o ainda na acção e na vida, dirigiram ao Ceu uma prece, e volvendo os olhos marejados de lagrimas sobre o seu tumulo enviaram o adeus saudosissimo áquelle que

..... morreu contente
Porque a sua terra amou e a sua gente.

SANTOS FARINHA.

LIVROS

Versos perdidos

E' o titulo d'um volume de versos que o seu auctor, o sr, Oliveira Simões, que os nossos leitores já conhecem pela sua valiosa collaboração n'esta Revista, teve a gentileza de nos offerecer.

Poucas vezes um livro d'este genero attrahe tanto a nossa attenção e tanto deleita o nosso espirito como este, onde, sob a epigrapha de *Versos perdidos*, se reúne modestamente uma serie de poesias d'um valor incontestavel e d'um sentimento de que a nossa geração parece affastar-se cada vez mais.

O elegante volume divide-se em oito partes: — *Musa varia, Musa dorida, Musa descuidada, Musa alheia, Musa rustica, Musa campestre, Musa antiga e Musa reverente.*

Impossivel é dizer qual das poesias do elegante volume é a melhor. Em todo o livro ha muito sentimento, um grande vigor no colorido da descripção, uma musica suavissima em todos os versos.

Não obstante, mais como indicação de gosto pessoal do que outra cousa, não podemos deixar de citar a *Conversão, A uma mascara, Barcarola, A velha ponte, O Ramallete, Chorava e ria, D. Lianor, etc.*

A Oliveira Simões os nossos agradecimentos pela gentilissima offerta.

Actualidades — Revista Illustrada, litteraria e musical

Em excellente papel *couché* e n'uma esmerada composição, editou o sr. Pedro Marinho uma interessante revista de que recebemos o 1.º numero, e em que, a par do annuncio illustrado, tão artisticamente disposto e confeccionado que nos prende a attenção, encontramos uma cuidada parte litteraria, quer em prosa quer em verso, que nos proporciona momentos de verdadeiro prazer, firmada por nomes sobejamente conhecidos nas letras, como Rocha Martins, José d'Azevedo Castello Branco, Alberto Navarro e outros. Completa o lindo magazine, uma pagina de musica de Julio Silva.

Ao seu proprietario o sr. Pedro Marinho os nossos agradecimentos pela offerta.

Quando ás tardes vêmos o rapido voejar dos insectos, exclamamos: «que felizes elles devem ser!» tão inseparavelmente ligadas no nosso espirito estão a actividade e a felicidade.

ARTUR HELPS.



POR UM OCULO...

(Criticas, Blagues & Phantasias)

XXXIX

ELEIÇÕES

(Dialogo entre eleitores)

DEMOCRATICOS:

- Então foste votar?
- Eu fui, e tu?
- Ora essa!?... Pudera!
- Assim mesmo é que é.
- Pois então! A nossa gente nunca falta.
- Olha, na minha freguezia não houve um só democratico que não fosse ali á boquinha da urna.
- Pois na minha ainda foi melhor. Até um que está entrevado foi de cadeirinha.
- E assim é que deve ser.
- Nós cá *semos* assim.
- E por isso temos força.
- Como nenhum outro partido.
- E havemos de estar no governo...
- Quanto tempo nos der na gana.
- Nem mais...
- Nem menos...
- E quem não gostar...
- Que se mude.
- Pois isto é ou não é nosso?
- Nem tem discussão.
- Pois s'ê...
- A Sé e S. Vicente...
- E tudo.
- Olha amigo, sabes o que te digo...
- O quê?
- *Inté* tenho dó d'elles.
- Pois olha eu não. Ainda têm mais do que merecem.

EVOLUCIONISTAS:

- Adeus correligionario...
- O' diabo!... Falla baixo...
- Porquê?! Está ahí alguém?
- E' que as paredes têm ouvidos.
- Mas...
- Qual *mas*, nem meio *mas*. Tu parece que não sabes como elles são.
- Sim, a prudencia manda que os não excitemos.
- Oiha lá, foste á urna?
- Fui, pois eu estava recenseado... E tu?
- Também.
- E em quem votaste?
- Olha que pergunta!
- Nos nossos amigos?
- Tó carocho!...
- Então em quem?
- No governo.
- Então já não és evolucionista?
- Sou. Mas isso é lá para o centro. Com coisas serias não se brinca.

UNIONISTAS:

- Que victoria, hein?
- Um triumpho, um verdadeiro triumpho.
- Eu já o previa.

- Também eu.
- Tu, é claro mandaste votar todos os teus amigos de chapa...
- De chapissima. Foi tudo ali no governo.
- Também eu. Era um dever.
- Uma obrigação.
- O contrario seria até uma falta de disciplina partidaria.
- Mais. Era passar um diploma de intrujão ao nosso chefe.
- Claro! Pois não appoiou elle o Governo desde janeiro?
- Não foi devido a nós que o ministerio se aguentou no parlamento?
- E que subiu ao poder com duas duzias de deputados?
- E' claro! E ainda nas vespuras de fechar, o nosso chefe, lhe votou uma moção de confiança.
- E o que quer isso dizer?
- Isso e os artigos de louvor e applauso á sua obra publicados na *Lucta*?
- Que a sua acção era util e patriótica.
- Indispensavel, lhe chamou o nosso chefe.
- Ora a nossa obrigação como bons unionistas é acatar o que diz o orgão do nosso partido.
- E elle disse sempre que era uma obrigação appoiar este governo.
- Nunca mesmo li coisa diversa.
- E foi o que nós fizemos.
- E muito bem. Porque tudo, menos deixar por mentiroso o sr. Brito Camacho.

SOCIALISTAS:

- Então votaste?
- Votei.
- Também eu.
- Fizeste bem.
- E' preciso que o socialismo mostre a sua força.
- E os seus direitos.
- Foi isso mesmo que mandou dizer o sr. França Borges quando me enviou a lista governamental.
- Que tu deitaste...
- Inteirinha.
- Também eu, companheiro, também eu.

INTEGRALISTAS:

- Você votou, Bonança?
- Fui dos primeiros. E você Silva?
- A minha lista foi a segunda que entrou.
- Isto é que foi disciplina partidaria.
- Olaré! Lá estavam *todos* os nossos... dois votos!

MONARCHICOS:

- Que me diz ás eleições, conselheiro?
- Tenho lido nos jornaes. Você votou, doutor?
- Eu, sim!?... Nem recenseado estava...
- Cortaram-n'o? Também a mim...
- Por não saber lér.
- Mas você é juiz!...
- Pois sim. E a si por que o cortaram?
- Por não saber escrever.
- Acho bem. Olhe, com a conversa, já me ia esquecendo de lhe agradecer o seu ultimo livro. Muito obrigado.

CONCLUSÃO:

Totalidade dos circulos vagos.....	37
Deputados governamentais victoriosos.....	33
» evolucionistas victoriosos.....	2
» unionistas victoriosos.....	2
Eleitores que se abstiveram — $\frac{2}{3}$ dos recenseados.	

CRISPIM.

E' um erro julgar que não ha ninguem que se conheça e comprehenda a si mesmo. A maior parte da gente conhece até muito bem os seus defeitos, mas teima em lhes dar nomes differentes dos que geralmente se lhes dão. Compensam este erro, dando logo, á primeira vista, um nome singularmente apropriado aos mesmos defeitos, logo que os descobrem nos outros.

ARTUR HELPS.

Os nossos artistas

CARLOS REIS

TENDO regressado de Torres Novas, onde fôra com grandes projectos de trabalhos novos, o illustre pintor voltou sem trazer nada do muito que contava fazer, mas perfeitamente restabelecido da grave doença que alli o prostrou, e com o espirito predisposto a recuperar rapidamente o tempo perdido.

Não é Carlos Reis pessoa que se alongue na descripção dos seus males; por isso, passando rapidamente por elles, fallou-me dos progressos de seu filho com o desvanecido orgulho que tão justo é, e surpreendeu-me dizendo ser d'elle uma bella tela, suspensa sobre a porta do atelier, que representa a quinta dos Lagares d'El-Rei, no Arieiro, onde o artista habita com sua familia.

Risonho, alegre, irrequieto, com um temperamento excepcionalmente combativo, Carlos Reis, na sua triumphante carreira, nunca conheceu desanimos. Quando lhe surge no caminho algum obstaculo, d'estes que todos temos na vida, por mais bafejados que sejamos da sorte (e Carlos Reis pertence a esse numero), sorri com indiferença, encolhe os hombros, como se o tivesse previsto, e salva-o com a tenacidade de caracter que é um dos seus raros merecimentos.

Morea Vauthier achou-lhe, quando estudava em Paris, de tal fórma o typo, que fez d'elle o protagonista do seu romance *Les Rapins*.

A concepção do artista sobre Arte, já tive occasião de a dizer em tempo, mas repito-a agora por me parecer interessante e por palavras suas para lhe dar mais sabor.

— A minha opinião sobre Arte podia synthetizar-lh'a n'uma phrase feita, como usam os grandes homens. Prefiro, porém, dizer-lh'a em bom e chão portuguez. Considero-me uma machina d'impresões e procuro, quanto possivel, attingir a perfeição. Desdenho fazer-me conhecer por qualquer traço. Se a natureza tem defei-

tos, não é a mim que compete emendar-lh'os. Copio-lh'os, sou um escravo seu.

Quanto á paleta de Carlos Reis lembra-me, sempre que fallo d'ella, este verso de João de Deus:

Tinha o ceu da minh'alma as sete côres...



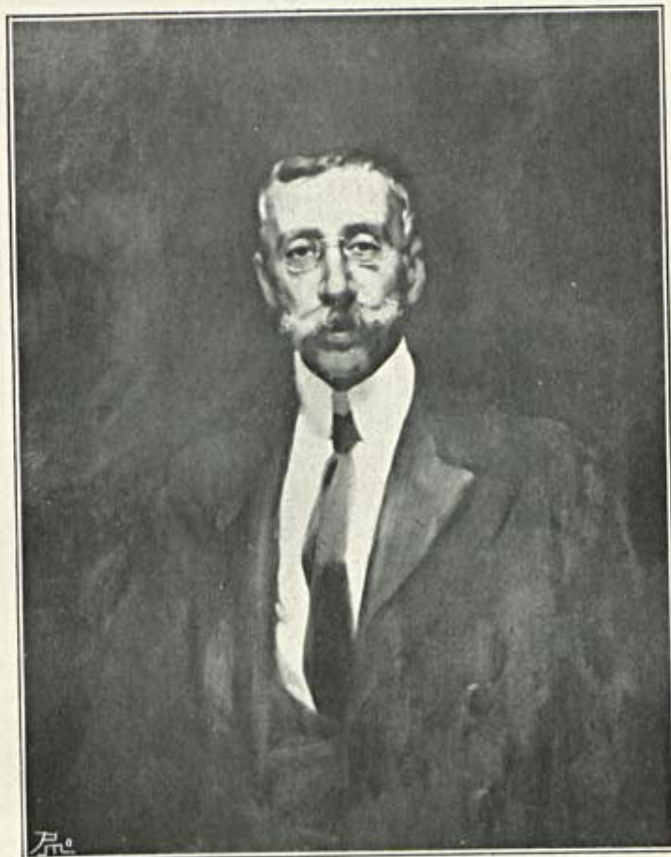
Os nossos artistas — Carlos Reis quando estudante em Paris



Os nossos artistas — Carlos Reis no seu atelier

A paleta de Carlos Reis não vai além: é com esse nada que elle faz tudo.

Desejando que, acerca de tão grande mestre, os leitores oiçam opinião mais valiosa e abalisada que a minha, vem aqui a pello transcrever alguns trechos do artigo que, por ocasião da última



Retrato de Freire de Andrade
(Quadro de Carlos Reis)

exposição madrilena, escreveu o illustre critico hespanhol Francisco Alcántara, em *El Imparcial*:

«La pintura portuguesa ha sido vista com entrañable simpatia, porque equivale à una cortés visita que nos llena de regocijo, y, además, porque en sus obras más culminantes esa pintura resulta más española, de más parecido con la de nuestros grandes maestros que la de nuestros mismos artistas. De una de las cualidades modernas de la paleta española, carece, sin embargo este artista portugués, tan español por el brio naturalista, por el impetu masculino con que refleja la vida. Desde Fortuny para acá, y mediante otras influencias europeas, en los últimos 25 años, por la accion constante de los pintores andaluces, catalanes y valencianos, singularmente por la de los últimos, cuyas inclinaciones hacia la luz pura y entera del sol ha recogido, disciplinado y acentuado el gran Sorolla, nuestra paleta se desentendió de los colores sordos, adoptó los vibrantes, y con ellos ha iluminado hasta los que en nuestra antigua pintura son fondos tenebrosos. Hoy tenemos una paleta vibrante de luz, que se enseñorea de nuestra pintura hasta los confines del imperio del gran Zuloaga, pues los Zubiaurre, que con él limitan, tienen una paleta calida; Corredoira, una paleta que podría llamarse cárdena, y el mismo Menéndez Pidal, entre los ya juzgados, ha ido alejándose de los negros e pardos tabacosos de sus principios.

En los quadros españoles modernos vibra la luz hasta en las tinieblas de sus fondos; de nuestra pintura han desaparecido los grices pardos antiguos.

En la portuguesa esos pardos persisten generalmente, y en esto es en lo que consiste la diferencia más visible entre la pintura española y la portuguesa.

Empezando por las obras de Carlos Reis según el orden de colocación en la sala, encuéntrase un retrato: el del doctor Ave-

lino Monteiro. Tal como aparece en el retrato este doctor, es un hombre de carácter algo ácido, moreno negruzco, de rerio cráneo y faz aspera, de barbas y de pelo hirsutos; uno de aquellos por quienes se dice: «El hombre y el oso, mientras más feo más hermoso.» Tentado estaba de decir que el tal doctor tiene cara de vinagre si no fuese porque, al través de tan farrucas apariencias, se adivina una persona bondosa, como ocurre con muchos de esos cetrino verdinegos que parecen dispuestos á comerse los niños crudos y luego son la bondad misma. Cuando un retrato pictórico ó escultórico suscita la ideología que he insinuado en los renglones antecedentes, ese retrato es una obra de arte, y otra señal inequívoca de que efectivamente lo es este retrato, la dá el hecho de que á poco de contemplar la cabezota del doctor Avelino Monteiro, ve uno que ha hecho dos amigos: uno es el doctor retratado, y el otro es el pintor retratista. Por una fisionomia llena de espirito, la de Monteiro, nuestro amigo del momento, vamos á la amistad del pintor que tan gallardamente retrata *las almas.*»

Do retrato de D. Adelaide Lima diz:

«Es de una elegancia de encomiar: elegancia de alcurnia francesa.»

De *A Feira*:

«Tiene este cuadro de Carlos Reis algo de la sintética y decorativa asperura de un soberbio, bien tejido y deslumbrante tapiz, y aunque no carece de delicadezas pictóricas, algo basto, como el tufo de la majada donde se elabora el queso; tufillo que se extiende en torno y perfuma los montes y las cañadas cuando el viento de la tarde lo lleva de acá para allá; algo como olor á corambres repletas de tinto, de baho de calderos en que se condimenta la pitanza, de olor á multitud trajinante; algo de todas estas cosas tiene este cuadro de Carlos Reis de pintura asperísima, que la mayoría de nuestro publico extrañará, por eso, por



Retrato de D. Carolina Joyce
(Quadro de Carlos Reis)

su aspezeza; pero en la que canta una voz poderosa la canción eterna del agro fértil, productor del pan, del vino, de las frutas, de los ganados y del hombre, que sabe gustar de todo, y darle valor, y amar, y multiplicarse.»

O critico de *El Liberal* escrevia, entre outras coisas, o seguinte: «Citaremos em primeiro lugar dois retratos devidos ao pincel

de Carlos Reis. O do doutor recorda-nos a paleta de *Domingo Martineç*: e com isto julgamos ter dito tudo.»

Ao lêr esta comparação não pude deixar de sorrir. Eu detesto as comparações, já o tenho dito mais d'uma vez, e quasi todos os artistas, conscientes do seu valor, não as prezam muito. Lembrou-me uma scena curiosa, passada no atelier do mestre, quando eu andava pousando para o magnifico retrato que devo ao seu *crayon*. Uma amiga minha quiz acompanhar-me ao estudo do artista para

THEATROS

THEATRO DA REPUBLICA



Zacconi no «Napoleão»

admirar os trabalhos alli expostos e, fitando o meu retrato, disse julgando lisongea-lo:

— Parece um trabalho de Goya!

Carlos Reis corou de involuntaria indignação, apressando-se a dizer:

— Não, minha senhora. Não é, nem parece, senão um trabalho de Carlos Reis.

Quando um dia perguntaram a Victor Hugo qual era o primeiro poeta da França, elle callou-se um instante e respondeu:

— Le second est M. de Musset.

A modestia não se casa com o genio nem com o valor. Quem realmente o tem, sabe estivar-se na maioria dos casos.

O ultimo trabalho que expoz, e que esta revista se apressou a reproduzir para que os seus leitores o admirassem, tem, além da belleza do assumpto, uma luz que se guarda commovidamente na alma, luz cuja impressão a retina conserva como uma das mais fortes e bellas que a teem deslumbrado.

Mario Pacheco, impressionado por este suggestivo quadro, dedicou-lhe o soneto que segue, e é perfeitamente inedito:

RAIOS DE SOL ARDENTE

(Notavel quadro de Carlos Reis)

O sol esbraseou a terra arada;
Reflectem luz os musculosos bois...
De olhar ingenuo e face afogueada.
Os namorados 'stão sorrindo os dois.

O azul do fundo é quente e palpitante
Sobre a brancura nitida das casas;
Julho esplende, radioso e fecundante;
Brilham ramos e pedras como brasas.

O rutilo sorriso de paixão,
Aos labios a subir do coração,
De sol envolve o idilio gracioso...

E os bois scismando, alheados, quedos,
Olhando ao longe a paz dos arvoredos,
Devem ao Amor o instante de repouso!

Os trabalhos que inspiram versos são sempre os que ficam, e a esse numero pertencem todos os de Carlos Reis.

Ainda não são conhecidas do publico as photographias que acompanham este artigo.

E' soberbo o retrato de Freire de Andrade, em que mais uma vez o mestre demonstrou a sua inegavel aptidão para este genero tão difficil, a que elle consegue emprestar vida. Nos retratos de Carlos Reis em que os menores accessorios são cuidados com esmero, ha sobre tudo um ponto em que o artista é inexcédível: é em dar a expressão exacta do olhar. Os olhares, coisa que difficilmente se torna individual n'uma tela e aquella que melhor define ou affirma uma personalidade, são tractados pelo exímio pintor d'um modo inexcédível.

Freire de Andrade, olhando atravez dos vidros d'uma luneta sem aro, olha-nos vivo, pensando e sentindo coisas reaes e não perdido em abstracções de sonho como é vulgar. O mesmo acontece ao do dr. Pinto cuja expressão melancolica é verdadeiro indicio d'um estado de alma. Estou que no Brasil, um dos paizes que o distincto pintor conta visitar na viagem que tenciona emprehender, as suas telas encontrarão no publico o mesmo enternecido applauso que já alli tiveram por occasião da exposição, e de que teem sido alvo não só em Portugal como em varios paizes estrangeiros, a



Zacconi no «Cantico dos Canticos»

não ser em França, onde elle não quiz continuar a expôr por lhe terem rejeitado um bello quadro e acceitado uma má escultura, assim feita propositadamente. Tractava-se do celebre retrato de Chico Redondo que elles suppozeram uma *charge* a um principe portuguez, pela falta de realidade que achavam n'aquelle excesso de corpolencia que só em Portugal se encontra.

Este facto foi muito discutido na occasião, em todos os meios artisticos, pela flagrante injustiça que revelava.

E' pena que o grande trabalho a que Mario Pacheco dedicou o soneto, tenha sido adquirido pelo senhor Marquez do Fayal e não vá occupar no *Museu de Arte Moderna* o lugar que tão na-

THEATRO DO GYMNASIO



Beatriz de Almeida

turalmente lhe estava allí indicado onde o publico e os estrangeiros poderiam admira-lo.

Nas suas paisagens, tão celebradas, tão bellas, ha sempre uma nota suave de poesia porque Carlos Reis é, como todo o verdadeiro portuguez que se presa de o ser, um poeta sempre apaixonado pela belleza e pela verdade.

Terminarei por fazer minhas as palavras de Agostinho de Campos, n'um artigo publicado em um dos jornaes do Rio de Janeiro, de que é correspondente :

«Carlos Reis não é somente o maior interprete actual da nossa paisagem; tambem não vemos quem o exceda entre os vivos, como

retratista da mulher portuguesa. E como o estro d'este pintor sente e abrange com igual perfeição a Terra e a Mulher, o seu ultimo quadro, *Raios de Sol Ardente*, é uma obra victoriosa pois que n'ella se reuñem e combinam e completam e intensamente se vivificam a belleza da Terra e da Mulher.

«A sua ultima producção n'este genero, que se impõe não só por todas as suas qualidades technicas como pelos attractivos, é o magnifico retrato da snr.^a D. Carolina Joyce que surprehende e encanta todos que sabem vêr».

MARIA O'NEILL.

PENSAMENTO

Assemelha-se a historia á paisagem. Agglomerem-se os detalhes de muito perto, e impedem a apparição de toda a scena, visto como se cruzam e confundem as linhas da perspectiva, e engana os olhos a proporção dos objectos. Se o painel está tambem muito afastado, tornam-se indeterminados os seus traços; desaparecem e somem-se os incidentes principaes e a vista se circumscreve em pontos particulares que não satisfazem completamente.

J. M. PEREIRA DA SILVA.

THEATROS

Republica — *Companhia italiana de Ermette Zacconi* — Está de novo entre nós o eminente artista italiano, gloria do seu paiz, o maior entre os maiores actores do mundo. A critica de Zacconi está feita, e agora que o insigne artista está prestes a retirar-se do tablado não é occasião de encarecê-lo. Os trabalhos de Zacconi são todos de um requinte de detalhe que espanta, e dão-nos uma impressão do verdadeiro como nunca experimentámos: é um colosso.

Conhecemos o seu trabalho nos *Espectros*, *Almas solitarias*, *Hamlet*, *Othello*, *Diavolo*, *Kean* e tantas outras; sabemos como o seu rosto, a sua voz, o seu gesto se amoldam em cada personagem ao seu temperamento, á sua psychologia, por uma forma totalmente differente em cada uma d'ellas, não deixando transparecer nem uma só vez a sua propria individualidade. E vendo cá fóra o artista, nós chegamos a duvidar que o seu olhar, de um azul desmaiado, chispe faúlhas de cólera; que o seu rosto redondo, inexpressivo, tome modalidades taes,

THEATRO DA AVENIDA — Rainha das Rosas



1.º acto

(Phot. de ...)

que nenhum outro ainda conseguiu; e que a sua voz calma e tranquilla ruja como lera e cante sentimentalismos maviosos.

Applaudimol-o já este anno na *Labareda*, em que pela primeira vez o vimos. Soube prender-nos desde a sua primeira scena muda no primeiro acto á confissão do crime no ultimo; e embora a peça fosse já nossa conhecida, bem como a psychologia da sua personagem, que de cousas novas o seu trabalho nos desvendou, como elle foi grande e cheio de verdade!...

Trindade—*A Princesa dos Dollars*—Teve fóros de *première* a reprise d'esta peça, cujo papel principal agora foi entregue á insigne cantora Maria Juce da Costa, que lhe imprimiu todo o seu talento e toda a sua arte, revelando, mais uma vez, notaveis aptidões para o novo genero a que se dedicou. Da peça não falaremos, porque a sua reputação está feita.

Avenida—*A Rainha das Rosas*, do maestro Le. ncavallo—Dois attractivos teve a ultima *première* n'este theatro: a apparição n'aquelle palco de Palmyra Bastos e a novidade de uma operetta de Leoncavallo, o maestro celebre da *Cavallaria rusticana*; e não deu o publico o tempo por mal empregado, porquanto o poema é espirituosissimo, a acção bem conduzida e a musica verdadeiramente encantadora, tudo isto secundado por um desempenho superior, no qual se salientaram Palmyra Bastos, graciosa como sempre, José Ricardo, de um comico irresistivel, Armando de Vasconcellos, que tambem ensaiou a peça, a qual lhe mereceu grandes cuidados, havendo ainda a mencionar a estreia de Othello de Carvalho, com o curso do Conservatorio, que sabemos ter aptidões, mas de quem falaremos, em melhor oportunidade, porquanto o seu trabalho n'esta peça é de pouco relevo. O scenario encantador e guarda roupa luxuosissimo.

A empreza do **Avenida** deve ter peça para larga carreira.

Apollo—*A Canção do trabalho*, opereta em 3 actos.—Adaptou Penha Coutinho do hespanhol esta peça, estendendo-a de um acto que tinha a trez, para os quaes Philippe Duarte teve de *acrescentar* tambem a musica e diga-se a verdade com muita maior felicidade que o adaptador do poema, que na sua versão resultou fatigante e falho de assumpto, nem conseguindo salvar-se pelo desempenho, que foi correcto e harmonioso, tendo reaparecido Raphaela Fons e fazendo a sua estreia como actor o antigo amator Jorge Grave.

—Depois fez a empreza *rèprise* da *Luva Branca*, que apesar da cor é puxavante a valer. Tem dado enchenes, e isso teremos até á estreia de uma nova revista firmada por nomes já conhecidos.

MANUEL RUY

Noticias e reqlamos

Colyseu dos Recreios—N'este elegante **Colyseu** continuam tendo larga concorrência as soirées da moda ás segundas-feiras e as *matinees* aos domingos, não se cansando o publico de applaudir o arrojado domador de leões, o assombroso equilibrista *Robledillo*, o *Musico Maluco*, artista unico no genero, etc. etc.—Para breve a estreia da revista phantastica—*Atravez de Londres*, que deve constituir um verdadeiro acontecimento artistico.

Animatographos

Chiado-Terrasse—Continúa em pleno exito a fita *Germinal*, extrahida do romance com o mesmo titulo, de Emilio Zola. As reuniões das terças e sextas-feiras extremamente concorridas.

Olympia—Além do excellente programma animatographico, os concertos continuam a ser um dos maiores atractivos d'este salão, pelo que a concorrência é sempre numerosa.

Trindade—Continúa em pleno successo n'este salão a fita *Quo Vadis?* exhibindo-se tambem com agrado *A desforra da Cigarra* e *Bill Johnson*. Para breve grandes novidades.

Central—São sempre concorridissimas as sessões animatographicas d'este salão, que além de uma boa musica capricha sempre em apresentar *films* de completa novidade.

Salão Imperio—Continúa em pleno successo a sensacional fita *Fantomas*, que tão grande successo tem obtido.

Como é singularmente triste observar na conversa os escriptos d'um homem muito superior e pensador original, as expressões vulgares, para não dizer corriqueiras, sobre a vaidade dos

THEATRO APOLLO



Scena do 2.º acto da «Luva Branca»

desejos humanos, a mutabilidade d'este mundo, o cansaço da vida! E' como se elle sentisse que a sua propria amarga experiencia tira o azedume ao que em si é tão azedo, como se pensasse que é inutil procurar bellas phrases, e que seria um escarnço, como dourar um instrumento de tortura.

ARTUR HELPS.

THEATRO APOLLO



Scena do 2.º acto da «Canção do Trabalho»

(Phot. de ...)